

Recordo-me de Josina como se estivesse a vê-la

— Marina Pachinuapa

por Pedro Tivane

«Para nós que vivemos com a camarada Josina, por vezes parece que uma zagalá nos atravessa o peito quando recordamos essa heroína, porque recordamos o trabalho corajoso e abnegado que ela sempre realizou. Recordamos como se estivéssemos a vê-la hoje connosco — palavras de Marina Pachinuapa, membro do Secretariado Nacional da OMM quando ontem falava às mulheres da localidade da Machava, Maputo.

Nam depoimento impar sobre algumas passagens do que foi a vida de Josina Machel, Marina Pachinuapa levou as mulheres da Machava a conhecer passos importantes da Luta Armada de Libertação Nacional, particularmente o que diz respeito à participação da mulher bem como a criação do Destacamento Feminino e da própria Organização da Mulher Moçambicana.

Tudo começa em Cabo Delgado quando a própria Marina Pachinuapa adere à FRELIMO.

«O camarada Paulo Samuel Kankhomba era comissário político em Cabo Delgado. Nessa altura foi constituído um grupo de nove meninas para fazer mobilização junto da população. O objectivo era levar a população a assumir a guerra como sua, forma principal de conseguir apoio aos guerrilheiros — começa por dizer.

«Não tínhamos armas, não havia hospital, não tínhamos meios de transporte para o escoamento de material de guerra. Quem devia produzir para o soldado, quem devia transportar o material era a população. Por isso, era preciso fazer a mobilização — asseverou.

Ao trabalho da mobilização intercalava-se a educação política das nove jovens. Como a base fosse a mesma onde estavam alojados os soldados da FRELIMO começaram a surgir problemas já que alguns se opunham à junção de homens e mulheres.

Estes problemas não acabaram, mesmo quando em 1965 foi decidido dar treino militar às jovens que já tinham revelado dedicação à causa da libertação nacional.

«Recebemos treino militar mas as tarefas multiplicavam-se também. O inimigo estava na zona e matava, deturava crianças. Nós tínhamos que criar condições para tomar conta das crianças órfãs que tinham perdido os pais com três ou quatro meses. Então plávamos leite e fazíamos papinha para essas crianças

poderem comer. Mesmo assim havia problemas entre nós. O Destacamento Feminino com alguns secretários de localidade. Havia choques entre as duas partes — narra Marina Pachinuapa.

Em 1966, o Destacamento Feminino recebe o seu primeiro grande contingente de jovens que vai receber treino a Nachingwea.

De novo surgem problemas de integração. Estes são resolvidos e em 1967 começa a preparação militar das mulheres.

Passados três meses, o Presidente Eduardo Mondlane visita o centro de Nachingwea. Numa reunião realizada nessa altura, um grupo de jovens do Destacamento Feminino recebe a missão de ir ao Instituto Moçambicano fazer um trabalho político junto dos estudantes. Marina Pachinuapa explica:

«Os estudantes diziam que não podiam cumprimentar nem conviver com os soldados porque estes viviam no mató. Diziam que os soldados tinham pilhões e que eles, os estudantes, não se podiam misturar com pessoas que viviam no mató.

O chefe do grupo que iria trabalhar no esclarecimento dos estudantes, grupo que integrava Marina Pachinuapa, era o Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel.

«Como vocês devem saber, Josina Machel quando saiu de Lourenço Marques era estudante. Quando chegou à Tanzânia ficou no Instituto Moçambicano a estudar. Mas quando chegámos lá ela manifestou vontade de ir connosco para o campo treinar e ser integrada no campo de batalha. Quem é que poderia ter esta coragem de sair da cidade e ir para o mató combater debaixo da chuva, com fome a subir montanhas? — questionou Marina Pachinuapa.

Uma vez que o grupo do Destacamento Feminino não tivesse evado consigo a jovem Josina Machel para o campo de batalha, ela escreve uma carta em 1967, a pedir para ser integrada no Destacamento, pedido satisfeito em 1968.

«Quando acabou o treino, eu é que fui recebê-la na fronteira com a Tanzânia. Ela veio numa má altura. Havia problemas no interior. O secretário local não queria dar comida a soldados nem a nós. Tínhamos que marchar dia e noite sem comer através dos distritos. Acaçámos duas semanas sem comer regularmente. Se na zona onde trabalhávamos havia comida, não

to bem, se não havia continuávamos a marchar — atalha Marina Pachinuapa.

«A vida continuou muito difícil devido aos vários problemas que se viviam na FRELIMO nessa altura aguda da preparação do II Congresso.

Um dos episódios que Marina Pachinuapa conta é o da existência, em Dar-es-Salaam, de um grupo de mulheres de membros da FRELIMO que, sem conhecerem a realidade do interior do País, tinham formado uma espécie de Organização da Mulher. Esta organização visitava países estrangeiros onde mobilizava apoio.

«Recebiam comida e roupa. Mas ao invés de distribuir pelas províncias onde havia guerra, pegavam nos produtos e vendiam para proveito desconhecido, enquanto crianças órfãs morriam de fome — diz Marina Pachinuapa.

«Em 69, numa reunião em Dar-es-Salaam, nós levantámos o problema e dissemos abertamente que aquilo não podia continuar. Dissemos que aquela não era a Organização da Mulher Moçambicana e perguntámos como é que, não conhecendo elas a realidade no interior poderiam fazer a explicação da nossa política no exterior.

Foi nessa reunião que o Destacamento Feminino decidiu nomear Josina Machel para representar a Mulher Moçambicana no exterior e mobilizar todo o apoio necessário à luta.

«Ela como membro do Destacamento Feminino sabia quais eram os nossos problemas, conhecia a situação no interior do País — acentuaria Marina Pachinuapa.

Marina Pachinuapa viu reberantar a doença que seria fatal para Josina Machel. Conta que numa das viagens que ela, Marina, fez a Dar-es-Salaam, contou a Josina Machel que iria partir para o interior ao que esta respondeu dizendo que queria também seguir para ir visitar os infantários e creches no Niassa.

«Apesar do desacordo dos outros, Josina partiu. Andámos duas semanas sob chuva e com fome a subir e descer montanhas. A doença eclodiu. Apesar de ter voltado a Dar-es-Salaam onde foi submetida a tratamento não meje voltou a ter saúde.»

Marina Pachinuapa, já quase no final do seu depoimento iria perguntar:

«Quem é que tendo partido da cidade, com estudos e

encontrado oportunidade de continuar a estudar, no seguimento da juventude, aos 25 anos que ela tinha teria preferido o combate? Ela preferiu Responsável dos Infantários e das creches, não se conformava com os relatórios que lhe mandávamos. Queria estar lá, junto das mulheres, das crianças órfãs e viver de perto os seus problemas.



Marina Pachinuapa, companheira de Josina Machel, nos momentos mais duros. (Foto de Arquivo)